



Conceição do Imbé - RJ

História:

A Comunidade Remanescente de Quilombo de Conceição do Imbé localiza-se no município de Campos dos Goytacazes, no norte do estado do Rio de Janeiro, em área historicamente estruturada pela economia agrocanvieira, que marcou profundamente a ocupação territorial, as relações de trabalho e as formas de sociabilidade na região ao longo do século XIX e das primeiras décadas do século XX. A constituição do território esteve vinculada à expansão das grandes propriedades monocultoras de cana-de-açúcar e, posteriormente, à consolidação do modelo agroindustrial sucroalcooleiro, caracterizado pela concentração fundiária, pelo controle patronal da terra e do trabalho e pela reprodução de relações de subordinação no pós-abolição .

O território atualmente ocupado pela comunidade integrou originalmente a Fazenda Conceição do Imbé, unidade produtiva voltada à lavoura canvieira, organizada sob o regime do trabalho escravizado e, após 1888, por meio de formas precarizadas de trabalho rural, como a parceria, o trabalho a dia e a moradia vinculada ao emprego. Com a modernização do setor açucareiro, a fazenda foi incorporada à dinâmica industrial da Usina Novo Horizonte, inserindo a localidade no chamado “tempo da usina”, conforme a periodização nativa identificada nas narrativas dos moradores, marcada pela intensificação do controle sobre o trabalho, o cotidiano e as práticas de lazer da população negra local .

A existência, até 2007, de um antigo casarão-sede — associado à administração da fazenda e posteriormente da usina — constitui um importante marco material da história local. Segundo relatos recorrentes, o edifício funcionava como referência simbólica do núcleo de povoamento anterior ao assentamento rural, sendo lembrado como espaço de mediação entre trabalhadores e administração, além de elemento central da memória coletiva. Sua demolição é interpretada pelos moradores como uma perda irreparável de um bem histórico capaz de materializar a trajetória de exploração, trabalho e permanência negra no território .

Os atuais moradores quilombolas são majoritariamente descendentes diretos de trabalhadores da antiga fazenda e, posteriormente, da usina, o que evidencia uma continuidade histórica de ocupação e reprodução social no território. Essa permanência não se restringe à dimensão física da terra, mas se expressa por meio de relações de parentesco, redes de solidariedade, práticas culturais compartilhadas e formas específicas de uso e significação do espaço, elementos que sustentam a autoidentificação quilombola e a reivindicação territorial coletiva, em consonância com os critérios estabelecidos pelo Decreto nº 4.887/2003 .

As relações de parentesco e sociabilidade foram historicamente fortalecidas por meio de alianças matrimoniais realizadas predominantemente entre moradores da própria localidade e de comunidades negras vizinhas, como Aleluia, Batatal e Cambucá. Essas comunidades,

situadas na região do Imbé, compartilham trajetórias históricas semelhantes e hoje integram um mesmo campo de relações sociais, configurando uma rede territorial negra articulada. Tal dinâmica corresponde ao que a literatura conceitua como “campo negro”, caracterizado pela circulação de pessoas, pela interdependência entre comunidades, pela partilha de experiências históricas de dominação e resistência e pela construção coletiva de pertencimento territorial .

A denominação Conceição do Imbé está associada à devoção a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da comunidade, cuja festividade, celebrada tradicionalmente em 8 de dezembro, ocupa lugar central na memória religiosa local. Segundo narrativas dos moradores, a imagem original da santa, adornada com joias ofertadas pela própria comunidade, foi retirada pela proprietária da usina e substituída por outra imagem desprovida desses símbolos. Esse episódio é interpretado como expressão de controle simbólico e de ruptura entre a religiosidade popular e o poder econômico, contribuindo para o enfraquecimento das práticas religiosas comunitárias e revelando dimensões imateriais da dominação territorial exercida historicamente pela elite usineira .

A configuração fundiária atual da comunidade está diretamente relacionada ao processo de Reforma Agrária desencadeado após a falência da Usina Novo Horizonte, na década de 1980. A falência, marcada por atraso de salários, fome, adoecimento e extrema vulnerabilidade social, constitui um marco traumático nas memórias locais e antecede a desapropriação da área em 1989, quando foi criado o Projeto de Assentamento Rural Novo Horizonte. Esse processo representou, simultaneamente, uma ruptura com as relações de trabalho anteriores e a abertura de novas possibilidades de acesso à terra, ainda que atravessadas por ambiguidades, conflitos e inseguranças quanto à estabilidade da posse e às condições de reprodução econômica .

A implantação do assentamento produziu uma situação singular, definida na literatura como o “paradoxo de ser assentado e quilombola”, na qual coexistem identidades políticas e jurídicas distintas, nem sempre compreendidas de forma homogênea pelos moradores. Parte da comunidade associa o reconhecimento quilombola ao risco de perda dos lotes individuais conquistados no âmbito da Reforma Agrária, o que gera resistências internas à titulação coletiva, apesar do reconhecimento da ancestralidade negra e da história comum de exploração e permanência no território .

Do ponto de vista institucional, a Comunidade de Conceição do Imbé foi certificada como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares em 2005, e possui processo de regularização territorial aberto junto ao INCRA desde 2004. Entretanto, até o presente, não houve avanços substantivos na titulação coletiva do território, em razão de entraves administrativos, da sobreposição com o histórico de assentamento rural, da existência de títulos individuais e dos conflitos internos relacionados ao significado político e jurídico do reconhecimento quilombola .

Município / Localização: Campos dos Goytacazes

Estágio no processo e regularização territorial: Certificada pela Fundação Cultural

Palmares em 30/09/2005 - Processo: 01420.002165/2005-51.

Referência:

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Portaria nº 39, de 30 de setembro de 2005. Certidão de reconhecimento da Comunidade Remanescente de Quilombo de Conceição do Imbé (RJ). *Diário Oficial da União*, Brasília, 2005.

GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzala no Rio de Janeiro – século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

GOMES, Flávio dos Santos. *A hidra e os pântanos: quilombos e mocambos no Brasil (séculos XVII-XIX)*. São Paulo: Editora UNESP; Campinas: CECULT, 2005.

NEVES, Priscila. *Política quilombola: acessos e entraves em Conceição do Imbé, RJ*. 2015. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2015.

OBSERVATÓRIO DAS TERRAS QUILOMBOLAS. *Dados de terras quilombolas*. Centro de Pesquisa e Iniciativas para os Direitos das Populações (CPISP). Disponível em: <https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/>. Acesso em: 17 jan. 2026.

RIBEIRO, Yolanda Gaffrée. Parceiros, trabalhadores, quilombolas: narrativas e trajetórias de acesso à terra nos quilombos do Imbé/RJ. *Sertanias: Revista de Ciências Humanas e Sociais*, v. 2, n. 2, p. 1-19, 2021. DOI: 10.22481/sertanias.v2i2.12717.

Redação: YABETA, Daniela. Quilombo Conceição do Imbé (RJ). IN: Atlas do Observatório Quilombola. Observatório Quilombola. KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, 07 de janeiro de 2026.

Pesquisa(s): Caio Lima; Daniela Yabeta; Maria Eduarda Goulart

Mais informações: Daniela Yabeta é professora de História do Brasil no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS - Erechim) - Coordenadora do Observatório de História da Fronteira Sul (OHF-Sul)

Url: <https://koinonia.org.br/atlasquilombola/comunidades/RJ/conceicao-do-imbe/1126>

Verbete atualizado em 17/01/2026